



Miguel Jorge*

Por que Lula quer vencer a Copa

Com a paixão que desperta no Brasil, o futebol é fenômeno político e social

Todos sabemos que as comemorações de uma eventual conquista da sexta Copa do Mundo, na Alemanha, não se esgotariam no campo de jogo: com a paixão que desperta no Brasil, o futebol não é somente o esporte nacional, é fenômeno político e social que nos coloca ou não no patamar das nações vencedoras – impossível pensar o brasileiro sem bola no pé. Com ela, em apenas sete jogos, os Kakás, Ronaldinhos, Cafus e Adrianos nos farão transitar pela economia, pela política, etc., levando-os a saltar da auto-estima à frustração, e vice-versa – ganhando a Copa, seremos mais competitivos; perdendo, mais ineficientes.

Vejam o exemplo do tal fenômeno social e político: na véspera da decisão da Copa de 70, no México, o presidente-general Emílio Médici seria cercado por uma aura de simpatia ao acertar – como mostrava foto de primeira página do “Jornal da Tarde”, o placar do jogo final entre Brasil e Itália (4 a 1). Vejam a manchete do mesmo JT: “Morreu Médici, o presidente do AI-5, da tortura e da Copa”.

Há quem afirme que brasileiros, sobretudo os mais pobres, ao contrário dos europeus (pelo menos, na teoria), toleram o desemprego, os políticos, a corrupção, a doença, etc., que extrapolam sua compreensão, mas não toleram a derrota de seu time e da seleção, pois eles se realizam, um pouco, pelo menos, no futebol. Agora, a seleção, torna-se, de novo, o mais importante personagem de nossa vida, o único capaz de arrancar, como dizia o jornalista, teatrólogo e cronista esportivo Nelson Rodrigues, nosso imenso “complexo de vira-latas”.

Desde 1950, quando perdemos a Copa para o Uruguai, no Maracanã, no Rio de Janeiro, Nelson via essa atitude negativa como “resultado da inferioridade com que, voluntariamente, nos colocamos em face do resto mundo”, ou de povo que vive, sempre, o pânico de uma desilusão iminente. Uma postura só mudada com a conquista da Copa da Suécia, que operou o milagre: “Vejam vocês, se analfabetos existiam no Brasil, sumiram-se na vertigem do triunfo, todo mundo sofreu alfabetização súbita, analfabetos natos e hereditários devoravam matutinos, vespertinos, nunca se leu tanto no país”, escreveu Nelson Rodrigues.

Quem acredita que nos modernizamos, no social e no econômico, precisa se conscientizar de que a seleção é uma das instituições que mais têm contribuído para que nos orgulhemos de nossa condição nacional. Talvez, por isso, antes da estreia brasileira, o presidente Lula já tenha se apressado a manter uma conversa virtual com os jogadores, confirmando



a velha frase de Nelson, segundo a qual “do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pérapado, em tempo de Copa é chato ser brasileiro!”.

Ainda que a Fatalidade não esteja descartada, que muitos creiam que futebol nada tem a ver com eleição e que a amargura das derrotas dure para sempre, é o momento de todos nós confiarmos. Em entrevista, ilustrada com a foto de primeira página do presidente vestindo a camisa 10, de Ronaldinho Gaúcho, Lula enfatiza que “a brasileira é a melhor seleção do mundo”, ressaltando, porém – o orgulho de ser brasileiro tem seus avessos – que “grande perigo” (sem alusão à eleição) “é o Brasil correr o risco de ter surpresas”.

Chô, azar! Por isso, certamente se espera que, com uma vitória na Alemanha, seus adversários políticos, tocados pe-

lo “espírito do hexa”, depõem as armas no Congresso para que, caso se reeleja, aceitem o diálogo, em nome da governabilidade, enquanto espera que as grandes empresas continuem solidárias à seleção.

E que se reduzam os ataques virulentos a seu governo e as análises que explicam alguns fracassos de sua administração, que em boa parte podem ser creditados ao fogo cruzado característico de campanhas eleitorais.

Na economia, a torcida já sente no bolso os reflexos da Copa, que será também a da deflação – o preço de bolas, televisores, bebidas, cosméticos, camisas e móveis verde-amarelos caiu 25%, e, desde o penta, os fabricantes vendem esses produtos abaixo da inflação.

Com a taça na mão, não haveria nenhum brasileiro misantropo, macambúzio ou com cara a meio pau, que poderia continuar se descobrindo, mesmo que parte da sociedade, infelizmente, continue comendo mal, tendo escolas públicas ruins e hospitais ainda piores.

Enfim, se vivo fosse, Nelson Rodrigues estaria repetindo à exaustão que, com a seleção entrando em campo, o Brasil terá que esquecer a Índia e a China, as economias que mais crescem no planeta – ou as “excelências” da Cuba, de Fidel Castro, e de Hugo Chávez, seu discípulo – para pensar mais em si mesmo, em reverência ao melhor futebol do mundo.

Deixemos ainda as elites de lado – as brancas, pretas, mulatas, etc. – para homenagear nossos Ronaldos, Didas e Emersons, que misturando-se aos que nasceram em favela, poderão trazer pela sexta vez a Copa do Mundo.

* Jornalista, é vice-presidente de Recursos Humanos, Assuntos Corporativos e Jurídico do Banco Santander Banespa